

AO LEITOR

Antes mesmo de ler, leitor amigo,
Despojai-vos de toda má vontade.
Não scandalizeis, peço, comigo:
Aqui não há nem mal nem falsidade.
Se o mérito é pequeno, na verdade,
Outro intuito não tive, no entretanto,
A não ser rir, e fazer rir portanto,
Mesmo das aflições que nos consomem.
Muito mais vale o riso do que o pranto.
Ride, amigo, que rir é próprio do homem.



PRÓLOGO DO AUTOR



Bedores ilustres e preciosíssimos bexiguentos (pois a vós, não a outros se dedica o meu engenho): Alcebiades, no diálogo de Platão intitulado *O Banquete*, louvando o seu preceptor Sócrates (sem controvérsia, príncipe dos filósofos), entre outras coisas disse ser ele semelhante aos "silenos". *Silenos*, para os antigos eram caixinhas, tais como as que hoje vemos nas vendas dos boticários, tendo pintadas umas figuras alegres e frívolas, como harpias, sátiros, gansos ajazados, lebres chifrudas, patos com cangalhas, bodes voadores, veados atrelados e outras figuras semelhantes, nascidas da imaginação, próprias para provocar o riso, como fazia Sileno, mestre do excelente Baco. Dentro delas, porém, guardavam-se drogas valiosas, como o bálsamo, o âmbar-cinzentos, o amomo, o almíscar, jóias e outras preciosidades. Tal se dizia ser Sócrates, porque, quem o visse por fora, e estimando apenas a aparência exterior, não lhe daria o mínimo valor, tanto ele era feio de corpo e ridículo em sua aparência, com nariz pontudo, olhos de boi, cara de bobo, simples em seus modos, rústico em suas vestes, parco de riquezas, infeliz com as mulheres, inapto para todos os ofícios da república, sempre rindo, sempre tomando seus tragos, por causa disso, sempre brincalhão, sempre dissimulando o seu divino saber. Quem abrisse aquela caixa, porém, lá dentro encontraria um bálsamo celeste e inapreciável, um entendimento mais que humano, virtudes maravilhosas, coragem invencível, sobrieda-

de sem igual, contentamento certo, segurança perfeita, incrível desprendimento com relação a tudo que os humanos tanto prezam, tudo aquilo que tanto cobiçam e em prol do quê correm, trabalham, navegam e batalham.

A que propósito, em vossa opinião, vem este prelúdio e este esclarecimento? É porque vós, meus bons discípulos, e alguns outros doidivanas ávidos de lazer, lestes os divertidos títulos de alguns livros de nossa invenção, como "Gargântua, Pantagrue, Fessepinte, A Dignidade das braguihas", e mui levemente julgais que, dentro, não se tratou senão de brincadeiras, fantasias e mentiras divertidas, visto que, sem se examinar o conteúdo, o rótulo externo (isto é, o título) insinuava zombaria e pândega. Não convém, todavia, encarar tão levemente a obra dos humanos, pois vós mesmos dizeis que o hábito não faz o monge; pode alguém usar as vestes monacais, e por dentro nada ter de monge, como pode um outro, vestido de capa espanhola, nada ter que ver com a Espanha por sua coragem. Por isso, é preciso abrir o livro e cuidadosamente verificar o que contém. Quando conhecerdes a essência que ele encerra, vereis que vale bem mais do que aquilo que a caixa prometia. Em outras palavras: as matérias aqui tratadas não são fúteis como o título sugere. Sem dúvida, no sentido literal, achareis matérias bem divertidas, e que correspondem bem ao nome, mas não vos fieis muito nelas, como no canto das sereias; convém em alto sentido interpretar o que porventura vos parece dito levemente. Nunca abriste uma garrafa? Pois é: o que importa é o conteúdo. Já viste um cão encontrando um osso com tutano? É, como diz Platão ("lib. 2, De Rep."), o animal mais filósofo do mundo. Se já viste, podeis ter notado com que devoção ele o olha, com que cuidado o guarda, com que fervor o segura, com que prudência o parte, com que afeição o quebra, com que diligência o chupa. O que o induz a assim agir? Qual o resultado de seu esforço? Que pretende? Nada mais que um pouco de tutano. Na verdade, esse pouco é mais delicioso que todos os outros muitos, visto que o tutano é o alimento elaborado com perfeição pela natureza, como diz Galeno, ("III Facult. Nat., e XI De Usu Partium"). Seguindo esse exemplo, convém que sejais sábios, para farejar e apreciar estes belos livros, de alto valor, fáceis de procurar, mas difíceis de encontrar. Depois, por curiosa lição e meditação freqüente, romper os ossos e sugar o substancioso tutano: eis o que pretendo dizer com esses símbolos pitagóricos, com fundada esperança de ser feita com prudência e zelo a leitura, porquanto nela achareis outro deleite, estudando a doutrina impenetrável, que vos revelará altos segredos e mistérios horríficos, tanto no que concerne à nossa religião, como ao estado político e à vida econômica. Porventura acreditais que Homero, ao escrever a "Ilíada" e a "Odisséia", tivesse imaginado as alegorias que lhe atribuíram Plutarco, Heráclides Pôntico, Eustácio, Fornuto, repetidos mais tarde por Poliziano? Se acreditais, bem longe estais da minha opinião, que é a de que tais alegorias foram tão pouco sonhadas por Homero quanto, o foram, por Ovídio, em suas "Metamorfoses", os Sacramentos do Evangelho, conforme Frei Lubino², grande papalvo, se esforçou por demonstrar, julgando ser possível encontrar gente tão

idiota quanto ele, ou (como diz o provérbio), uma tampa digna do caldeirão. Se não acreditais, por que não fareis o mesmo com estas novas e divertidas crônicas? Eis que, ditando-as, não pensei senão em vós, que porventura bebeis como eu bebo. Porque, na composição deste livro senhoril, não perdi, e jamais empreguei um outro tempo, do que aquele que gasto para tomar a minha refeição corporal, a saber, bebendo e comendo. São estas as horas mais adequadas para escrever sobre essas altas matérias e ciências profundas, como bem fez saber Homero, paradigma de todos os filólogos, e Ênio, pai dos poetas latinos, assim como testemunha Horácio, embora um grosseirão tenha dito que os seus "Odres" cheiravam mais a vinho do que a azeite. Coisa idêntica disse um bufão dos meus livros; mas merda para ele! O odor de vinho, ó, como é mais saboroso, mais agradável, mais atraente que o do azeite! E sinto-me muito mais lisonjeado, quando se diz que gasto mais vinho do que azeite, do que ficou Demóstenes quando dele disseram que gastava mais azeite do que vinho³. Para mim, só me sinto honrado e jubiloso por ter fama de ser um bom copo e um bom companheiro: graças a isso sou bem recebido em todos os bons grupos de pantagruelistas. Um rabugento disse de Demóstenes que as suas orações fediam como a serapilheira de uma galheta porca e suja. Por isso, interpretei meus atos e meus ditos de maneira perfeitíssima: reverenciai o cérebro caseiforme que vos oferece essas belas fantasias, e na medida que estiver ao vosso alcance, conservai-me sempre alegre.

E agora diverti-vos, meus queridos, e lede alegremente, para satisfação do corpo e benefício dos rins. Mas escutai, sem vergonhas e que a úlcera vos corroa: tratai de beber por mim, que eu começarei, sem mais demora.



3. Alusão ao fato de passar as noites em claro, à luz das lamparinas de azeite, preparando seus discursos. (E.A.)

2. Referência ao dominicano inglês Thomas Walley, autor de "Metamorphosis ovidiana moralitèp explanata". (N. T.)



CAPÍTULO I

DA GENEALOGIA E ANTIGÜIDADE DE GARGÂNTUA



Eu vos encaminho à grande crônica pantagruélica, para conhecerdes a genealogia e antigüidade de onde nos veio Gargântua. Nela, ficareis pormenorizadamente a par da maneira como apareceram os gigantes neste mundo, e como deles, por linha reta, proveio Gargântua, pai de Pantagruel, e não vos aborrecereis se, no presente, eu me exceder. Eis que a coisa é tal, que quanto mais seja lembrada, mais, agrada a vossas senhorias, visto que tendes a autoridade de Platão, *In Philebo et Gorgias*, e de Flaco⁴, segundo os quais certos assuntos, tais como este daqui, sem dúvida são tanto mais deleitáveis quanto tantas mais vezes repetidos.

Quisesse Deus que cada um de nós soubesse com certeza a sua genealogia, desde a arca de Noé até os nossos dias. Penso que vários que são hoje imperadores, reis, duques, príncipes e papas na terra, descenderam de coletores de restos e de lixo. E, ao revés, há mendigos, sofrendores e miseráveis, que descendem em linha reta de grandes reis e imperadores: tenha-se em vista a admirável transferência dos reinos e impérios:

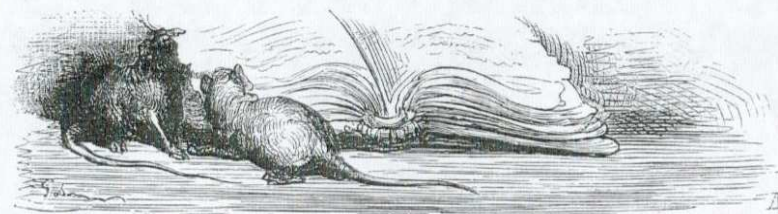
Dos assírios para os medas,
Dos medas para os persas,
Dos persas para os macedônios,
Dos macedônios para os romanos,
Dos romanos para os gregos,
Dos gregos para os franceses.

E, no que se refere a este que ora se dirige a vós, cuido descender de um rico rei ou príncipe dos tempos de outrora, pois jamais vistes um homem que tenha mais vocação para ser rei e rico do que eu, a fim de gozar a vida, não trabalhar, não me preocupar com coisa alguma, e enriquecer bastante os meus amigos, e toda a gente de bem e de saber. Consolo-me, porém, sabendo que no outro mundo talvez seja muito mais do que, no presente, ousaria aspirar. Com tal ou melhor pensamento, consolai-vos de vosso infortúnio e bebei alguns tragos, se for possível.

Voltando à vaca fria, quero dizer que, por dom soberano dos céus, foram-nos reservadas a antigüidade e a genealogia de Gargântua mais inteira que qualquer outra, exceto a do Messias, de quem não falo, pois não me pertence; também os diabos (que são caluniadores e hipócritas) a isso se opõem. Ela foi descoberta por Jean Audeau, em um campo que ele tinha perto de Arceau Gualeau, abaixo de Olive, para os lados de Narsay. Tendo ele mandado cavar alguns fossos, os trabalhadores tocaram, com suas enxadas, um grande túmulo de bronze, de comprimento desmesurado, e jamais encontraram o seu fim, porque entrava muito adiante das eclusas do Rio Viena. Os referidos trabalhadores, abrindo um certo lugar, assinalado acima por um copo, em torno do qual estava escrito, em letras etruscas HIC BIBITUR⁵, acharam nove garrafas, arrumados na mesma ordem com que se arrumam as bolas de jogar, na Gasgonha. E, no meio achava-se um livro volumoso, gordo, grande, e todavia mimoso, pequeno; embolorado, mas cheiroso, embora seu perfume não fosse tão bom como o das rosas.

Nele, foi encontrada escrita a dita genealogia, com letras romanas⁶, não em papel, não em pergaminho, não em cera, mas em uma casca de olmo, tão gasta pela velhice que mal se podia reconhecer.

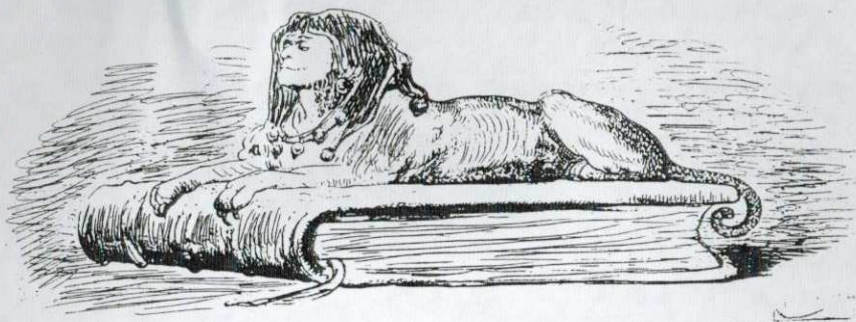
Eu (embora indigno) para ali fui chamado, e com um grande reforço de óculos, praticando a arte graças à qual se pode ler letras não aparentes, como ensina Aristóteles, o traduzi, como podeis ver, pantagrualizando, quer dizer, bebendo à vontade e lendo as façanhas horríficas de Pantagruel. No fim do livro, havia um pequeno tratado intitulado Ninharias Contravenenosas. Os ratos e as baratas e (para que eu não minta) outros bichos-malignos tinham destruído o começo. O resto eu ajustei, como se vê a seguir, por reverência à antigualha.



5. Hic bibitur = Aqui se bebe. (N. do T.)

6. No original *lettres cancellaresques*, letras inclinadas, usadas na chancelaria romana. (N. do T.)

4. Horácio. (N. do T.)



CAPÍTULO II

AS NINHARIAS CONTRAVENENOSAS, ENCONTRADAS EM UM MONUMENTO ANTIGO

Dos cimbros, o vencedor famoso
Saltou pelo ar com medo à tempestade,
E em sua vinda, lá do céu chuvoso,
Caiu manteiga em grande quantidade.
Não faltou de alto-mar a qualidade
E alto gritou: "Pescai-o, que ele nada,
Pois sua barba está pela metade,
Ou lançai, pelo menos, uma escada."

Alguns disseram: "Lamber seu sapato
É melhor do que ser abençoado."
Mas eis que surge um safardana ingrato,
Saído de um buraco ignorado,
Que diz: "Senhor, meu Deus abençoado,
A enguia se agarrou no meu cabelo,
A encontrareis no ponto onde foi dado
O sinal de exclusão do seu capelo."

Ao ler, então, capítulo segundo,
somente achou os chifres de um bezerro.
"Da mitra (disse então): eu vou ao fundo,
Tão frio em torno que até dou berro."
É perfume de nabo, se não erro.
Entre os astros ficar está contente,
Se pudesse chegar ao alto serro,
Livre da antipatia dessa gente.

De São Patrício o oco, ele bem quis
E mais ocos, até o de Gibraltar,
Se reduzir pudesse a cicatriz
E parar de tossir e de espirrar.
Impertinente parecia estar,
Vendo eles todos desejar também
Que da aventura ele estivesse a par,
Para que abrisse a boca do refém.

Nessa passagem o corvo foi pelado
Por Hércules, que da Líbia então desceu.
"O quê?" diz Minos, que não foi chamado.
"Todos foram chamados, menos eu.
Depois que a minha inveja emudeceu,
Colhendo muita ostra, em muita lida,
Com ajuda do navio do sandeu,
Mande para o diabo a minha vida."

Q.B., para rastreá-lo, surge e manca,
Dá o salvo-conduto aos estorninhos.
O primo do ciclope avança e espanca,
E os narizes assoam seus vizinhos.
Nesta seara, à margem dos caminhos,
Irão chamar às armas, entretanto,
Sem que tenham mentido nos moinhos,
Pois, bem trocados, já não custam tanto.
Pouco depois, de Júpiter a ave
Deliberou sair para o pior,

Mas, vendo-os rastejar rumo da nave,
Chegou do Império a cólera supor.
No céu, o fogo ardeu de rubra cor,
E eis que nos bosques, em estradas retas,
Com arenque salgado o vendedor
Sujeitou-se ao querer dos massoretas.

Tudo concluído, fez a ponta afiada,
Mau grado até, a coxa carniceira,
Vendo Pentasiléia abandonada,
Que envelhecera presa de canseira.
Todos gritavam: "Torpe carvoeira,
É lícito encontrar-te no caminho,
Hasteando, tão logo, uma bandeira
Feita com uma porção de pergaminho?"

Não fosse Juno o arco-íris ter por lema,
Com o seu duque de muito má vontade,
Armando um conhecido estratagema
Bem molesto e bem falso, na verdade,
Ela estaria em boa sociedade.
Dois ovos recebeu de Proserpina
E se jamais dela soubessem a idade
A levariam ao monte de Albospina.

Sete meses após, os vinte e dois
Chegam a Cartago, e o vencedor avança
E cortesmente os recebeu depois,
Explicando cabei-lhe a sua herança
E fazendo a partilha sem tardança,
Segundo a lei e da justiça a soma,
Sem piedade impor sua vingança
Aos biltres que rasgaram o seu diploma.

Mas no ano virão, só de uma vez,
Cinco fusos, três fundos de chaleira,
Que verão um rei bem pouco cortês
Tendo de ermita o hábito e a maneira.
Óh! Piedade tenhais a vida inteira
Compreendei a sorte dos doentes
Que se vêem vencidos na canseira,
Condenados ao ninho das serpentes.

Passou um ano, e o que é reinará
Tranquilamente, como bom amigo,
E com violência não dominará,
O compromisso há de trazer consigo.
Bom é o consolo como o pão de trigo,
Do seu virá o seu castelo inteiro,
Conseguirá, sem medo e sem perigo,
Triunfar do real palafreheiro.

Há de durar o tempo da destreza
até que março ponha a tudo fim.
Um perfeito há de vir, e com certeza
Perfeito como um anjo, um serafim.

Elevai, pois, os corações, assim,
Ó vós, fiéis, pois eis que trespassado
O vencedor será vencido enfim
Como já foi vencido no passado.

Aquele que faz cera na tormenta
Alvejado será sem remissão
E "Ciro, Ciro!" reclamar não tenta,
A chaleira bimbilha em sua mão.
O bacamarte ele pegou no chão
E limpou o lugar de trapaceiros,
Para coser, com fio grosso, então,
Tudo que se encontrava no celeiro.





CAPÍTULO III

DE COMO GARGÂNTUA FOI LEVADO ONZE MESES NO VENTRE DE SUA MÃE



Grandgousier⁷ era um folgazão, gostando de beber à tripa forra e apreciando grandemente as comidas salgadas. Para esse fim, tinha ordinariamente boa provisão de pernis de Mogúncia e Baiona, línguas de boi defumadas, fartura de chouriços, e carne de boi salgada com mostarda; fartura de salsichas, não de Bolonha, pois temia os venenos da Itália, mas de Bigorre, de Longaulnay, da Brene e de Rouargue. Em sua idade viril, desposou Gargamela, filha do rei dos Borboletos, bela e garbosa moçoila. Os dois gostavam muito de brincar de “bicho de duas costas”, tanto que ela ficou grávida de um meninão, e o carregou até o décimo-primeiro mês. Com efeito, tanto tempo, e mesmo mais, podem as mulheres ficar prenhes, mormente quando se trata de uma obra-prima, de um personagem fadado a realizar grandes proezas em seu tempo. Como disse Homero, o menino, do qual Netuno emprenhou a ninfa, nasceu depois de um ano, no décimo-segundo mês. Explica-nos Aulo Gélcio (*lib.3*) que tão longo tempo convinha à majestade de Netuno, a fim de que seu filho ficasse formado de maneira perfeita. Por igual motivo, Júpiter fez durar quarenta e oito horas a noite em que se deitou com Alomena, pois em menos tempo não teria podido fabricar Hércules, que limpou o mundo de monstros e tiranos.

Os antigos senhores pantagruelistas confirmaram o que digo, e declararam ser não somente possível, como legítimo, o filho nascido da mãe onze meses depois da morte de seu marido. Ei-los:

Hipócrates, *De alimento*; Plínio, *lib.7, cap. 5*;
Plauto, *in Cistellaria*.

Marco Varrão, na sátira denominada *O Testamento*, invocando a autoridade de Aristóteles;

Censorino, *De Die Natali*;

Aristóteles, *lib. 7, cap. 3 e 4 De Natura Animalium*;

Gélcio, *lib.3, cap. 16*;

Sérvio in *Ecl.* expondo este metro de Virgílio:

Matri longa decem, etc.

E mil outros que tais, cujo número pode ser acrescido

pelos legistas: *ff. de Suis, et legit. l. intestato. § fin.*

E in *authent. de Restitut. et ea quae parit in XI mense*.

Por fim, para complementar a lista, menciono Gallus (*ff. de Lib. et post. et l. septimo ff. de Stat. homin.*) e alguns outros que não me atrevo a declinar o nome.

Com respaldo nessas leis, as mulheres viúvas bem que podem divertir à vontade, dois meses após a morte do marido. Peço-vos por favor, meus bons frascários, que se encontrardes algumas pelas quais valha a pena ficar esbraguilhado, trepai à vontade e trazei-as depois para mim. Pois, se no terceiro mês engravidarem, seu fruto há de ser levado à conta dos finados. E as que se sabem grávidas, que aproveitem a hora, e se divirtam mais, já que a pança está cheia mesmo.

Assim fazia Júlia, filha do Imperador Otaviano: não se entregava aos seus tamborileiros senão quando se sentia prenhe, de forma que o navio não recebesse o piloto sem primeiramente estar calafetado e carregado.

E se alguém as censura porque fazem tal coisa durante a prenhez, pois que as fêmeas prenhes dos animais não aceitam jamais o macho, podem responder que as outras são animais, mas elas são mulheres, bem conscientes dos belos e alegres direitos da superfetação, como outrora respondeu Popúlia, segundo relata Macróbio (*lib. 2. Saturnal*). Se o diabo não quiser que elas se engravidem, terá que lhes arrolhar a tampa, e manter fechada a boca do frasco.



7. Gosier (gousier no francês quinhentista) significa “goela”. A tradução seria, pois, «goela grande» ou “bocarra”.



CAPÍTULO IV

DE COMO GARGAMELA, ESTANDO GRÁVIDA DE GARGÂNTUA, COMEU GRANDE QUANTIDADE DE TRIPAS



A ocasião e a maneira com que Gargamela pariu foi a seguinte. E, se não acreditais, que se vos caíam os fundos! Pois os fundos dela vieram abaixo no terceiro dia de fevereiro, após ter comido dobradinhas. Dobradinhas são as tripas de bois engordados no estábulo e muito bem cuidados. Daqueles bois gordos foram mortos trezentos e sessenta e sete mil e quatorze para serem salgados na terça-feira gorda; a fim de que, na primavera, se tivesse carne à vontade, para, no começo das refeições, salgar bastante a boca, para melhor se entrar no vinho. As tripas foram abundantes, como é fácil compreender, e estavam tão boas que todos chupavam os dedos. Mas o diabo é que não era possível conservá-las muito tempo, sem que elas apodrecessem, o que seria bem desagradável. De onde se concluiu que teriam de ser comidas sem deixar resto. E, assim sendo convidaram todos os cidadãos de Sannais, de Suillé, da Roche-Clermaud, de Vaugaudry, sem deixar atrás os de Coludray, Montpensier, os do vau do Vede e outros vizinhos: todos bons bebedores, folgazões e bons jogadores de péla. O bom Grandgousier deleitou-se com aquilo e providenciou para que tudo fosse servido com abundância. Recomendava, todavia, à esposa que comesse menos, visto que estava se aproximando do seu termo, e que aquelas tripas não eram prato muito aconselhável. “Quem quiser comer merda, tire-a daquele monte” dizia-lhe. Não obstante essas recomendações, ela comeu dezesseis tonéis, uma pipa e seis alqueires. Ó bela matéria fecal que devia se formar dentro dela!

Depois do jantar, todos foram, em confusão, para baixo dos salgueiros, e lá, sobre a relva basta, dançaram ao som de alegres pífanos e doces cornamusas, tão alegres que era um passatempo celeste vê-los assim se divertirem.

